

BIBLIOTECA DE CONHECIMENTO DE TRADING



Os Stops Acima do Máximo

Análise de Mercado



Trading Papers

Os Stops Acima do Máximo

Liquidez, varrimentos e caça aos stops — o padrão que é real e a história que é opcional

Publicado por **Trading Papers**

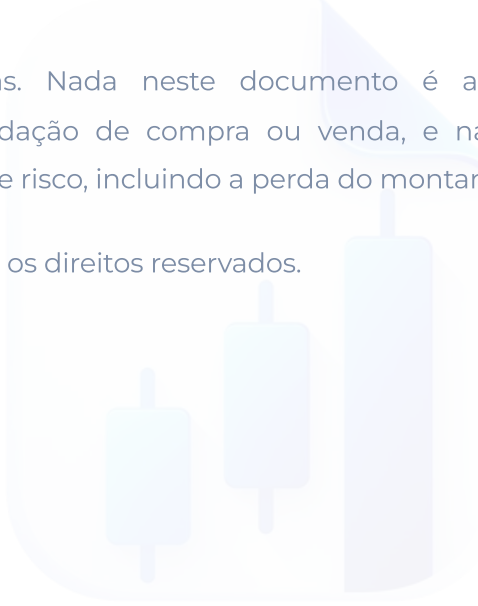
Coleção **A biblioteca de conhecimento de trading**

Edição **Primeira edição · 2026-08-26**

Formato **A4 · digital**

Conteúdo educativo apenas. Nada neste documento é aconselhamento financeiro, nenhuma parte é recomendação de compra ou venda, e nada aqui conhece as suas circunstâncias. Operar envolve risco, incluindo a perda do montante investido.

© 2026 Trading Papers. Todos os direitos reservados.



Trading Papers

Índice

01	Uma palavra com dois trabalhos	4
02	Porque estão ali as ordens	5
03	O padrão, desenhado	7
04	Uma história, dois futuros	9
05	Selecionado pelo resultado	10
06	Defini-lo antes de saber	12
07	Onde se formam as filas	14
08	A indução, a sério	16
09	Oito nomes, três afirmações	18
10	Contá-lo por si	20
11	A barra mais cara do dia	21
12	O que fazer com uma fila	23
13	O que é possível saber aqui	24
14	O que isto não resolve	26

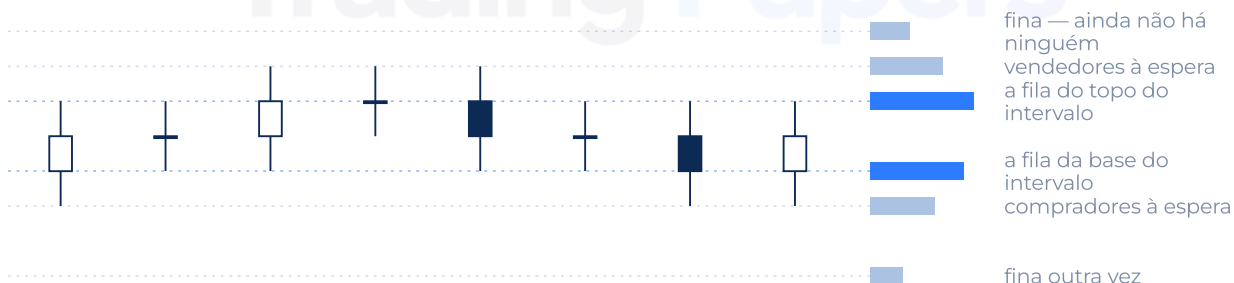
01

Uma palavra com dois trabalhos

Liquidez é das poucas palavras desta área ao mesmo tempo perfeitamente precisa e irremediavelmente vaga, consoante quem a segura. No sentido preciso é uma propriedade mensurável: quantas ordens esperam, a que preços, e portanto quanto pode operar antes de mexer o preço contra si. No outro é um substantivo para o combustível acima dos máximos e abaixo dos mínimos — algo que o mercado vai buscar.

Sentido	A que se refere	Dá para contar?
Liquidez como profundidade	ordens no livro; quanto pode operar sem mexer no preço	sim, diretamente
Liquidez como bolsa	stops acumulados num preço evidente	sim, por inferência
Liquidez como alvo	a ideia de que levaram o preço lá para os acionar	não, assim enunciado
Liquidez como desculpa	a razão por que o seu stop saltou	não, nem pretende ser

Uma palavra, dois trabalhos. Quase todo o desacordo sobre liquidez são duas pessoas a usar linhas diferentes achando que usam a mesma. As primeiras linhas são mensuráveis e maçadoras; as últimas são vívidas e, como são enunciadas, não se podem verificar.



O primeiro sentido, desenhado. Ao lado do preço está o livro: ordens à espera em cada nível, mais grossas onde há mais. Nada disto é oculto nem sinistro — é uma fila pública, e é fina nos sítios onde ninguém tem motivo para esperar.

Essa primeira figura é o sentido preciso desenhado. Ao lado do preço está o livro — a fila de ordens à espera em cada nível — e é mais espessa onde mais gente tem motivo para esperar. Não há nada de oculto nisso. Em muitas praças pode vê-lo mudar em tempo real, e em todas a sua forma é consequência de onde as pessoas acham que o preço importa.

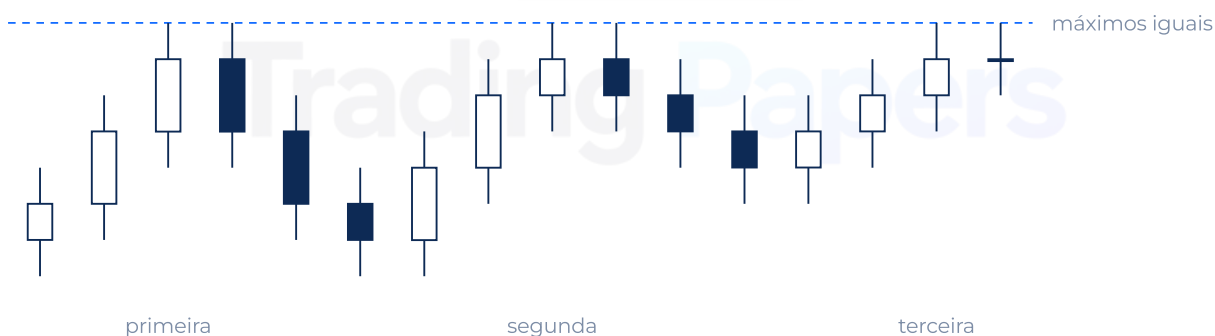
Este documento trata do que acontece quando o segundo sentido é sobreposto ao primeiro: quando a observação de que as ordens se acumulam se torna a história de que o preço é levado até elas. Vale a pena levar a sério as duas metades dessa frase, e vale a pena levá-las a sério em separado, porque uma pode ser contada e a outra não.

O vocabulário aqui é da própria área e é usado no seu sentido corrente em todo o texto. Nada neste documento defende que os termos são vazios. Defende que a maioria são três afirmações a usar oito nomes, e que separar a parte contável da parte inverificável é o que torna alguma coisa disto utilizável.

02

Porque estão ali as ordens

Começemos pela parte que não está em disputa, porque é aritmética e não interpretação.



O segundo sentido começa aqui. Três tentativas param a menos de um ponto umas das outras, e o resultado é uma linha que qualquer pessoa a olhar para este instrumento consegue desenhar, no mesmo sítio, sem falar com ninguém. Esse acordo é o mecanismo todo.

Três tentativas param a menos de um ponto umas das outras. O resultado é uma linha que

qualquer pessoa a olhar para este instrumento consegue desenhar, no mesmo sítio, sem falar com ninguém. A ninguém foi preciso dizer; a linha é uma função do gráfico, e só há um gráfico.



O que esse acordo faz ao livro. Ninguém o coordenou e ninguém teve de o fazer: um stop é uma função do gráfico, e há um só gráfico. A barra logo acima da linha não é prova de um plano, é prova de que a aritmética não tem imaginação.

Veja agora o que esse acordo faz ao livro. Quem está curto no intervalo tem um stop logo acima da linha, porque é aí que estar curto está errado. Quem espera uma rotura tem uma ordem de compra no mesmo sítio, porque romper o máximo é a sua entrada. Quem está longo desde baixo tem um stop sob o mínimo pela razão espelhada. Ninguém coordenou nada e ninguém teve de o fazer.

Trading Papers

Quem	A sua ordem	Porquê exatamente ali
Quem está curto no intervalo	stop de compra	o máximo é onde estar curto está errado
Quem espera uma rotura	stop de compra	romper o máximo é a entrada
Quem está longo desde a base	stop de venda	a base é onde estar longo está errado
Qualquer ordem com bracket	ambas	o bracket traça-se a partir das mesmas duas linhas
Quem leu o mesmo curso	igual ao acima	o curso ensinou o mesmo nível

Quem está nessa fila, e porque cada um escolheu o mesmo preço sem se conhecerem. Leia a coluna da direita de cima a baixo: a nenhum deles foi preciso dizer onde pôr a ordem, e nenhum está a tentar apanhar ninguém.

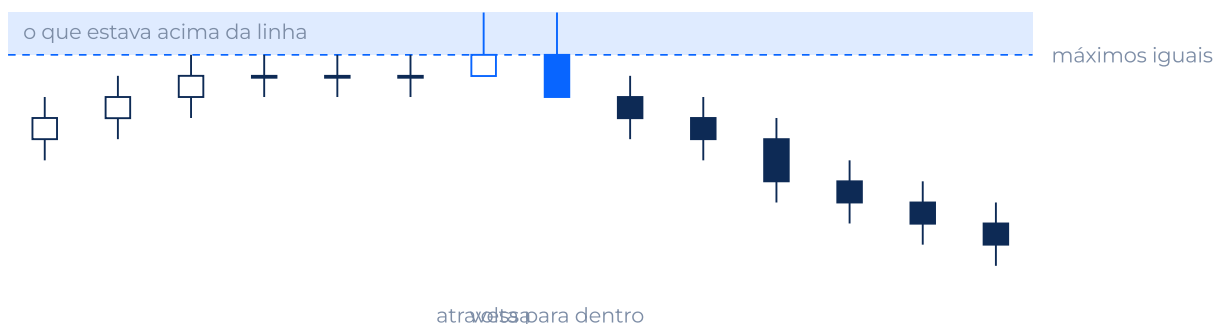
Leia a coluna da direita dessa tabela de cima a baixo. Nenhuma dessas pessoas está a tentar apanhar ninguém. Cada uma resolveu por si um problema pequeno — onde é que a minha ideia está errada — e como todas olhavam para a mesma imagem, as respostas independentes caíram umas em cima das outras. É esse o mecanismo todo, e chega para produzir tudo o que o resto deste documento discute.

Vale a pena parar no quão banal isto é. Os carros fazem fila no mesmo cruzamento sem conspirarem. Cada um escolheu o caminho mais curto por si, e o caminho mais curto era o mesmo. A fila é real, o congestionamento é real, e não há ninguém a organizá-lo.

03

O padrão, desenhado

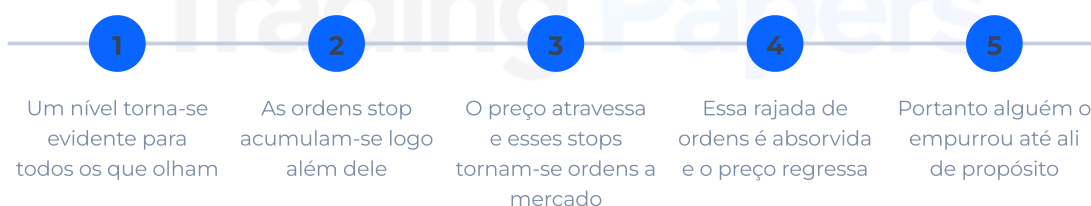
Isto é o que a acumulação produz num gráfico, desenhado em vez de descrito.



O padrão canônico, desenhado como deve ser. O preço atravessa os máximos iguais por ponto e meio, opera ali um instante e fecha outra vez por baixo. Tudo o que estava acima da linha foi executado na passagem, e já não resta nada lá em cima para executar.

O preço alcança os máximos iguais e passa-os por ponto e meio. Tudo o que esperava acima da linha é executado na passagem — os curtos parados, os compradores de rotura executados — e depois já não resta nada lá em cima para executar. A barra seguinte fecha outra vez por baixo, e o movimento que se segue corre na direção oposta ao empurrão que o começou.

Este é um fenómeno real e não precisa de defesa. O mecanismo é direto: chega de uma vez uma rajada de ordens de compra porque estavam todas condicionadas ao mesmo preço; a rajada é absorvida por quem estivesse disposto a vender lá em cima; e depois de passar não há mais, porque era finita. O que era combustível há um momento é agora fumo.



O mesmo padrão como sequência, para se poder discutir cada fase em separado. Só as três primeiras são observáveis. Na quarta afirma-se um mecanismo, e na quinta acrescenta-se-lhe um motivo por cima.

Posto como sequência, o padrão torna-se mais fácil de discutir. As três primeiras fases são observáveis — o nível está no gráfico, a acumulação decorre do nível, a rajada vê-se no

volume. A quarta afirma um mecanismo, e é razoável. A quinta acrescenta algo que as quatro primeiras não contêm, e o resto deste documento trata do que acrescenta e do que custa.

04

Uma história, dois futuros

Tudo o que ficou dito é compatível com a história de que alguém faz isto de propósito, e também com ninguém fazer nada de propósito. Para ver porque importa, ajuda olhar para o caso que as capturas de ecrã nunca mostram.



Uma história, dois futuros, nos mesmos eixos. Cada barra à esquerda do divisor é partilhada: o mesmo nível, o mesmo empurrão, o mesmo fecho para além dele. À direita, um ramo regressa e outro segue — e o nome que o quadro inteiro recebe depende inteiramente de qual. Esta é a figura de que trata o resto do documento.

Cada barra à esquerda do divisor é partilhada. O mesmo nível, as mesmas três tentativas, o mesmo fecho um ponto além. À direita a imagem parte-se: num ramo o preço volta para dentro e corre no sentido contrário, e no outro segue e nunca regressa.

Os dois ramos acontecem, regularmente, em todos os instrumentos. E o nome que a imagem inteira recebe depende inteiramente de qual está a ver. O ramo esquerdo é um varrimento de liquidez. O direito é uma rotura. Ninguém chama ao ramo direito um varrimento falhado, porque quando ele falha já foi renomeado.

Se voltar	Se seguir	O que aconteceu mesmo
um varrimento de liquidez	uma rotura	um fecho para além de um nível
uma caça aos stops	um movimento genuíno	foram executadas ordens que esperavam
a armadilha estava posta	o nível cedeu	a oferta acima da linha acabou, ou não
o dinheiro esperto acumulou	o dinheiro esperto já estava longo	inobservável em ambos os casos

As mesmas seis barras, nomeadas duas vezes. Cada termo da coluna da esquerda é aplicado depois de o resultado ser conhecido, e todos eles carregam uma afirmação sobre intenções que as barras não contêm.

Vale a pena ler essa tabela devagar, porque é a dobradiça do argumento. Cada linha é um par de barras a receber duas descrições diferentes com base no que aconteceu depois. As barras não mudaram. O que mudou foi o resultado, e ao resultado foi permitido esticar o braço para trás e renomear a causa.

Não é desonestidade e não é exclusivo do trading. É como a linguagem funciona quando um fenómeno é nomeado pelo seu fim. Mas tem aqui uma consequência grave e concreta, e é o tema da secção seguinte.

05

Selecionado pelo resultado

Se um varrimento só é chamado varrimento depois de o preço ter voltado, então todos os varrimentos alguma vez registados voltaram, por definição.

	O preço voltou	O preço seguiu
Chamado varrimento depois	Recolhido. Capturado. Ensinado. Esta é a amostra toda.	Nunca acontece: o nome é retirado assim que segue.
Não chamado varrimento	Nunca acontece: um regresso pode sempre receber o nome.	Descartado em silêncio como rotura, e nunca contado contra.

Como um estudo de varrimentos corre mal sem ninguém mentir. Só a célula superior esquerda é recolhida, porque só ela recebe o nome — e uma amostra definida pelo seu resultado vai reportar esse resultado sempre.

Repare de onde vem a amostra. Só a célula superior esquerda é recolhida, porque só ela recebe o nome. A inferior direita — o empurrão idêntico que seguiu — é reclassificada em silêncio como rotura e nunca aparece em nenhuma contagem de quantas vezes os varrimentos funcionam. Não está escondida. Está arquivada noutro sítio.

Varrimentos recolhidos como é hábito		verdadeiro por construção, não vale nada
além de um nível que voltam, instrumento A		contados de antemão
Igual, instrumento B		diferente, e isso importa
Igual, mas só numa janela de sessão		onde uma vantagem real se esconderia

O que isso faz ao número que se cita. A barra de cima é o que uma amostra selecionada pelo resultado tem de reportar. As de baixo são o que o mesmo instrumento dá quando o candidato é definido antes do resultado — a única versão que carrega informação.

A barra de cima é o que uma amostra definida pelo seu resultado tem de reportar, e não vale absolutamente nada. Não é uma descoberta sobre o mercado; é uma repetição da definição. Noventa e três minutos de exemplos em que o padrão funcionou são noventa e três minutos de tautologia, por muito bem desenhados que os exemplos estejam.

As barras de baixo são o que o mesmo instrumento produz quando o candidato é fixado

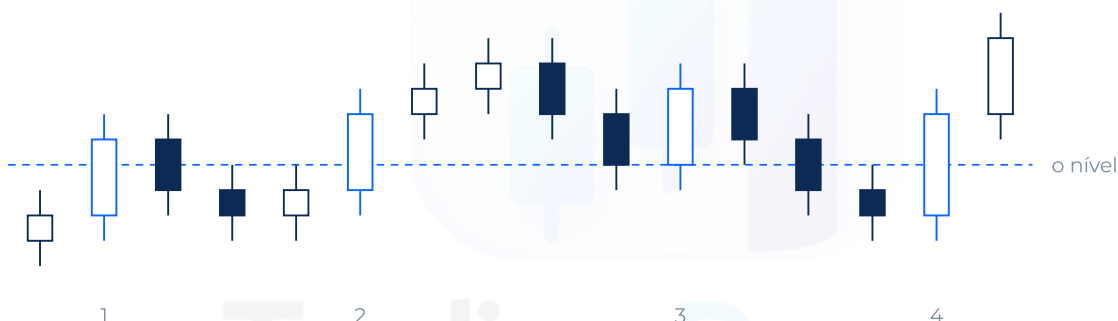
antes de o resultado ser conhecido, e são números banais. É precisamente isso que os torna úteis: um número banal pode ser comparado com uma moeda, com um custo e com o trimestre passado. Um cem por cento não pode ser comparado com nada.

A forma geral deste problema é tratada por direito próprio pelo documento sobre o que uma afirmação tem de mostrar, noutro ponto desta biblioteca. Aqui aparece numa forma particularmente pura, porque é a própria convenção de nomes que faz a seleção, e fá-lo antes de alguém ter decidido ser descuidado.

06

Defini-lo antes de saber

A reparação é mecânica e um pouco fastidiosa, e é por isso que raramente se faz. Consiste em fixar o candidato num momento em que a resposta ainda não está disponível.



Um candidato definido antes de alguém saber a resposta: qualquer fecho de cinco minutos a mais de um ponto do nível, marcado no fecho dessa barra. Quatro aqui. Dois voltaram, dois não, e nada nas barras marcadas dizia qual seria qual.

Quatro candidatos aqui, cada um marcado no fecho da barra que o produziu, com uma regra enunciada de antemão: qualquer fecho a mais de um ponto do nível. Dois voltaram para dentro. Dois continuaram. Estando no fecho de cada barra marcada, nada distinguia os que voltariam dos que não.

Candidato	Fechou além por	O que se seguiu	Fica na contagem?
1	1,0 ponto	voltou para dentro em 2 barras	sim
2	2,0 pontos	seguiu mais 3 pontos	sim
3	3,0 pontos	voltou para dentro em 2 barras	sim
4	2,0 pontos	seguiu até um novo máximo	sim

Esses quatro candidatos contados com honestidade, incluindo os dois que ninguém teria capturado. É uma amostra de quatro e não prova nada; o que importa é a forma do registo, que tem uma coluna que a versão habitual não tem.

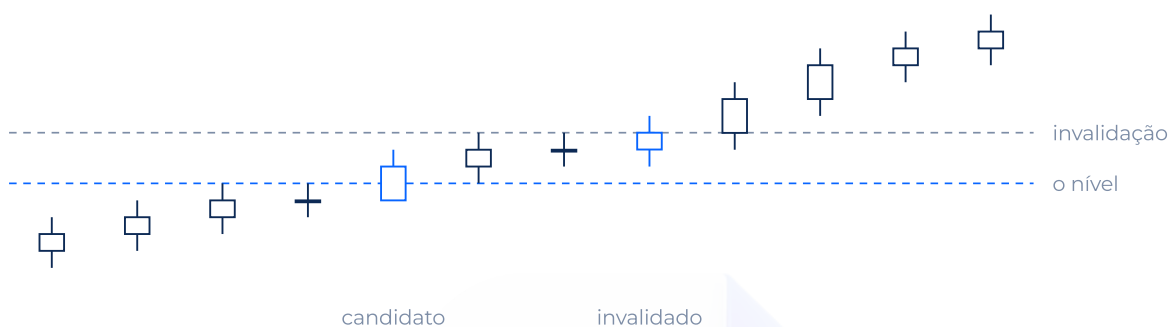
O registo tem uma coluna que a versão habitual não tem: se foi conservado. Conservam-se todos os candidatos, incluindo os dois que normalmente teriam sido renomeados em silêncio. Quatro não é uma amostra e não resolve nada — o que importa é a forma do registo, não o seu conteúdo.

Campo	O que esta regra diz
Universo	um instrumento, escolhido antes de a semana começar
Nível	um máximo tocado duas vezes, marcado antes da abertura
Candidato	um fecho a mais de um ponto desse nível
Gatilho	o fecho seguinte de volta para dentro do nível
Invalidação	qualquer fecho mais dois pontos além
Tamanho	fração fixa, a partir da distância de invalidação
Registo	todos os candidatos, mesmo os que nunca dispararam

A afirmação escrita como uma regra que um desconhecido conseguiria executar — os mesmos sete campos que o documento sobre o plano nesta biblioteca defende. A linha que mais trabalha é a invalidação, porque é a que decide de antemão como é um varrimento falhado.

Escrito como sete campos torna-se algo que um desconhecido conseguiria executar, que é o padrão que esta biblioteca aplica em todo o lado. A linha que mais peso carrega é a

invalidação, porque é a que decide de antemão como é uma falha. Sem ela não há falhas, só roturas.



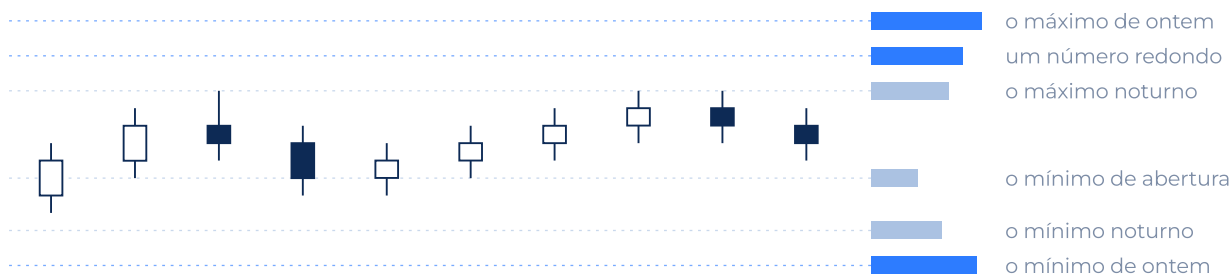
O que a regra chama uma falha, desenhado para não poder ser reclassificado em silêncio. O preço fechou além, nunca voltou para dentro e seguiu. Sob a convenção de nomes esta figura é uma rotura; sob a regra é um varrimento que não funcionou, e fica na contagem.

E aqui está uma dessas falhas desenhada, para que não possa ser reclassificada depois. Sob a convenção de nomes esta figura é simplesmente uma rotura e a ninguém ocorreria contá-la contra fosse o que fosse. Sob a regra é um candidato invalidado, e fica na contagem com o mesmo peso dos que funcionaram.

07

Onde se formam as filas

Se a acumulação é a parte real, a pergunta prática é onde é mais espessa, e a resposta decorre do mecanismo e não da teoria de ninguém.



Os níveis evidentes de um dia e a fila em cada um. Os tamanhos não estão medidos, estão raciocinados: uma linha que mais gente consegue desenhar carrega mais ordens. É essa a única afirmação desta figura, e chega para ser útil.

Os tamanhos dessa figura não estão medidos; estão raciocinados. Um nível que mais gente consegue desenhar carrega mais ordens, porque a acumulação nunca foi sobre o nível ser especial — foi sobre o nível ser partilhado. O máximo de ontem é espesso porque ninguém tem de o interpretar. Um nível de retração é fino porque duas pessoas com âncoras diferentes obtêm linhas diferentes e os seus stops caem em sítios diferentes.

O nível	Quem o consegue desenhar	Espessura da fila
Máximo e mínimo de ontem	toda a gente, identicamente	a mais espessa
Números redondos	toda a gente, identicamente	espessa
Máximo e mínimo noturnos	todos com o mesmo relógio de sessão	espessa
Máximos iguais do intervalo de hoje	todos os que olham hoje	moderada
Uma média móvel	só quem usa a mesma configuração	fina
Um nível de retração	só quem ancora igual	a mais fina

Os mesmos níveis ordenados pela única propriedade que impulsiona a acumulação: quanta gente consegue desenhar a linha sem discussão. Um nível que exige uma configuração, uma preferência ou uma interpretação é um nível que menos gente partilha, e uma fila mais fina.

Essa ordenação tem uma implicação algo incómoda para o extremo mais elaborado do assunto. Quanto mais sofisticado é um nível — quantas mais configurações, juízo ou

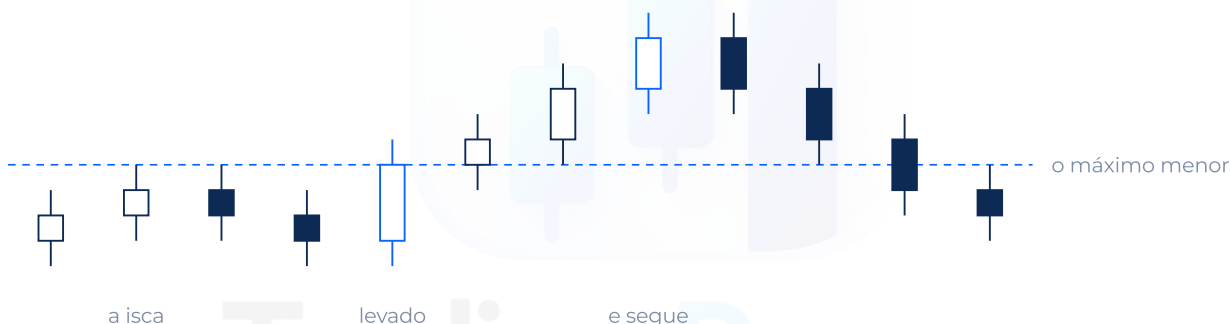
doutrina exige — menos gente o partilha, e mais fina é a fila atrás dele. Os níveis grosseiros carregam a multidão. É o contrário da suposição habitual de que melhor análise encontra melhores níveis, e decorre do mecanismo e não de qualquer opinião sobre a análise.

Dá também a primeira consequência realmente acionável deste documento, embora não a que se espera. Se quer saber onde é provável que um excesso tenha alguma coisa por trás, procure a linha que o maior número de pessoas consegue desenhar sem discussão, e desconfie dos níveis que só o seu próprio gráfico produz.

08

A indução, a sério

A versão mais forte da história das intenções merece uma audiência como deve ser e não um desdém, por isso aqui está ela na sua forma mais razoável.



A afirmação da indução, desenhada com toda a justiça possível. Um máximo menor forma-se cedo e é levado; o argumento é que existia para atrair as ordens que depois foram usadas. Leia as barras sozinhas e isto é um máximo menor a ser ultrapassado, que é o que os máximos menores quase sempre fazem.

Um máximo menor forma-se cedo na sessão e é ultrapassado pouco depois. A afirmação da indução é que esse máximo existia para atrair ordens — que se formou para que as ordens à espera acima dele pudessem ser usadas para financiar um movimento maior. Leia as barras sozinhas e isto é um máximo pequeno a ser ultrapassado, que é o que a maioria dos máximos pequenos faz.

A afirmação	O que teria de ser verdade	Como verificaria
O máximo atraiu ordens	havia ordens à espera acima	dados do livro, ou contar os movimentos que param ali
Essas ordens foram usadas	o volume disparou na rotura	a fita na rotura, sobre uma amostra real
Foi criado para isso	alguém escolheu formar aquele máximo	nenhuma observação o distingue do acaso
Portanto o próximo repete	a sequência repete-se acima do acaso	contar todos os máximos menores, não os memoráveis

A indução levada a sério e sujeita à pergunta de sempre. A coluna do meio é o que teria de ser verdade; a da direita é o que teria de ver para acreditar. A terceira linha é onde a afirmação deixa de falar do mercado e passa a falar de quem a conta.

Decomponha a afirmação nas suas partes e acontece algo esclarecedor. As duas primeiras linhas são afirmações banais sobre o mundo e podem ser verificadas, grosso modo, com dados que quase toda a gente consegue obter. A terceira é diferente na sua natureza: nenhuma observação distingue um máximo criado de propósito de um que simplesmente se formou, porque ambos produzem barras idênticas.

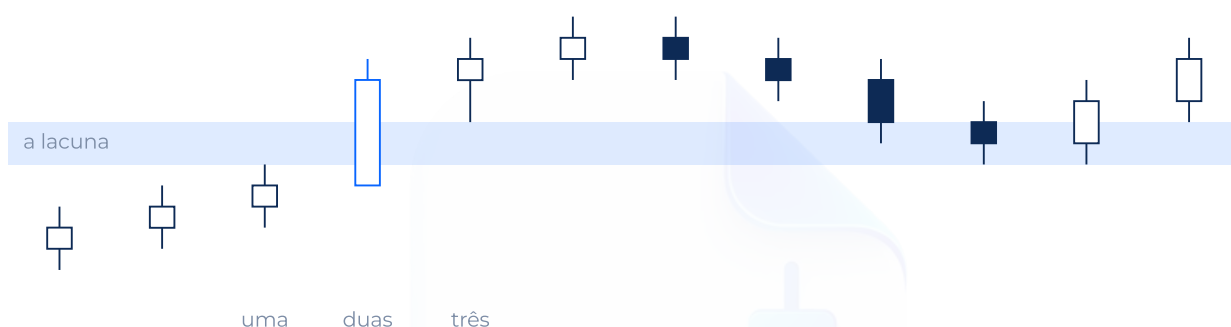
Não é uma objeção pequena. Uma afirmação que nenhuma observação poderia contradizer não é uma afirmação forte que calha ser difícil de testar; é uma afirmação que deixou de tocar o mercado e agora só toca quem a conta. E repare que a quarta linha — a única que de facto o ajudaria — não depende da terceira de todo. Se a sequência se repete acima do acaso, pode operá-la sem acreditar em nada sobre o porquê.

Há mais uma razão para a história das intenções ser atraente, e vale a pena nomeá-la sem desprezo. Explica uma experiência concreta e dolorosa — o meu stop saltou e depois virou — de um modo que fornece um antagonista e tira o ferrão. É um serviço real. Simplesmente é um serviço psicológico e não analítico, e os dois são fáceis de confundir quando o segundo custaria dinheiro a obter.

09

Oito nomes, três afirmações

O vocabulário da liquidez é grande, e o seu tamanho é muitas vezes tomado como prova de profundidade. Vale a pena pôr os termos ao lado do que cada um realmente afirma.



Uma lacuna de valor justo: três barras em que a do meio corre o suficiente para o máximo da primeira e o mínimo da terceira não se sobreporem. A banda sombreada é a lacuna. A afirmação que lhe está associada é que o preço volta a preenchê-la — o que é uma afirmação sobre um preço que importou, com roupa nova.



Um bloco de ordens: a última barra contrária antes de um movimento decisivo, marcada, com a afirmação de que o preço volta a ela e vira. Compare-o com a lacuna acima e com qualquer suporte em qualquer lado — três nomes, três desenhos, uma só afirmação de fundo sobre um preço que voltará a importar.

Uma lacuna de valor justo é um arranjo de três barras em que a do meio corre o bastante para as duas exteriores não se sobreporem, e a afirmação associada é que o preço volta a preencher a banda. Um bloco de ordens é a última barra contrária antes de um movimento

decisivo, e a afirmação associada é que o preço volta a ele e vira. Os dois desenhos são perfeitamente claros. As duas afirmações são a mesma afirmação.

O nome	A afirmação por baixo
Bolsa de liquidez	um preço que importou antes volta a importar
Bloco de ordens	um preço que importou antes volta a importar
Lacuna de valor justo	um preço que importou antes volta a importar
Bloco de rotura	um preço que importou antes volta a importar
Varrimento de liquidez	um movimento que passa de mais inverte
Caça aos stops	um movimento que passa de mais inverte
Sopa de tartaruga	um movimento que passa de mais inverte
Indução	a estrutura evidente é criada para ser usada

O vocabulário da liquidez mapeado nas afirmações que faz, à maneira do documento das cinco afirmações nesta biblioteca. Leia a coluna da direita de cima a baixo: três entradas, e a da esquerda tem o triplo. Essa proporção não é uma acusação — é uma razão para testar três coisas em vez de nove.

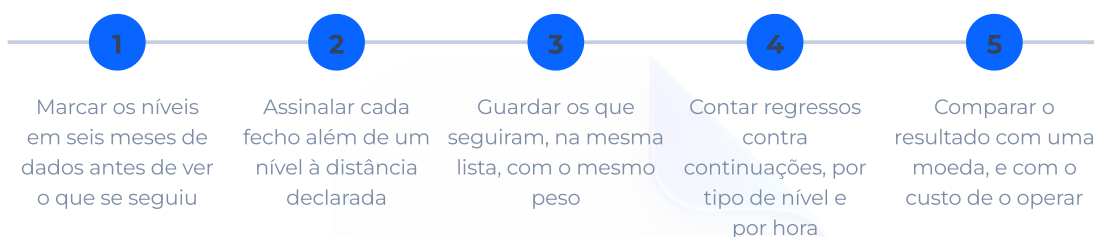
Leia a coluna da direita de cima a baixo: três afirmações distintas. A da esquerda tem quase o triplo das entradas. O documento das cinco afirmações nesta biblioteca faz este argumento sobre as estratégias em geral, e o vocabulário da liquidez é o exemplo mais concentrado dele em toda a área.

Não é uma acusação de fraude. Os vocabulários crescem assim naturalmente, à medida que cada professor nomeia a versão do padrão que reparou. Mas a consequência prática é precisa: se está a testar oito coisas faz oito vezes o trabalho e divide a sua evidência por oito. Se testa três, cada uma recebe o triplo dos dados, e os resultados vão de facto querer dizer alguma coisa.

10

Contá-lo por si

Tudo o que ficou dito é preparação para algo que pode fazer em cerca de uma semana de serões, e que lhe dirá mais sobre o seu próprio instrumento do que qualquer curso.



Como resolver isto por si, no seu próprio instrumento, em cerca de uma semana de serões. O terceiro passo é o que se salta, e saltá-lo transforma um estudo num álbum de recortes.

O terceiro passo é o que se salta, e saltá-lo é a diferença entre um estudo e um álbum de recortes. Guardar as continuações na mesma lista, com o mesmo peso, é incómodo precisamente porque são os casos que fazem o padrão parecer banal. Esse incómodo é a sensação de estar a aprender alguma coisa.

O número	O que resolve
Candidatos encontrados	se o padrão é comum o bastante para importar
Fatia que voltou para dentro	se a afirmação bate sequer uma moeda
Distância média percorrida depois	se o regresso vale mais do que o spread
Resultado líquido de custos, a um tamanho	se tem alguma coisa

Os quatro números que vale a pena ter no fim dessa semana, e o que cada um resolve. A última linha é a que decide se alguma coisa disto é operável, e é a linha que um estudo de gráficos nunca produz.

Saem quatro números. O primeiro diz-lhe se o padrão é comum o bastante para construir alguma coisa. O segundo diz-lhe se bate uma moeda. O terceiro diz-lhe se o regresso,

quando acontece, é grande o bastante para valer a tentativa. O quarto é o único que decide alguma coisa, e é o que um estudo de gráficos estruturalmente não consegue produzir, porque um estudo de gráficos não paga custos.

O que o vídeo dá a entender



não existe tal amostra

Uma vantagem forte e genuína



rara e valiosa

Uma vantagem viável após custos



quase tudo o que sobrevive

Uma moeda



onde a maioria das contagens acaba

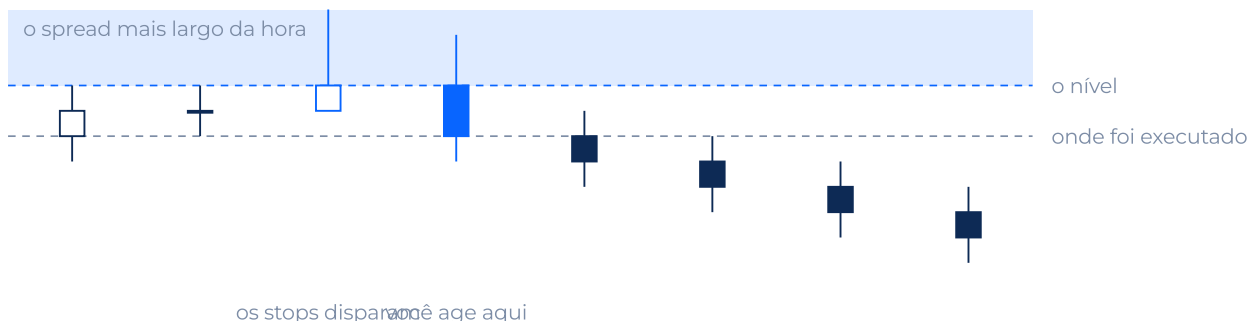
Como é uma vantagem real quando é medida em vez de vendida. Nada nesta gama é entusiasmante, e a barra de cima é a que está a ser anunciada. Um método que acerta cinquenta e cinco por cento das vezes com uma recompensa sensata é um bom método; um que reclama noventa é um método selecionado pelo seu resultado.

Vale a pena saber de antemão como é uma boa resposta, para não a confundir com uma dececionante. Um padrão que se resolve a seu favor cinquenta e cinco por cento das vezes com uma recompensa sensata é um método genuinamente útil e bastante melhor do que quase ninguém chega a encontrar. O número dado a entender pela versão promocional deste assunto não corresponde a nenhuma amostra alguma vez recolhida com honestidade.

11

A barra mais cara do dia

Suponha que a contagem sai favorável. Há um problema de custos à espera, e é peculiar deste padrão e não geral.



O momento em que o padrão se completa é o momento mais caro da sessão para agir. Os stops a disparar são exatamente o que alarga a diferença, por isso a barra que mais quer comprar é a barra com o pior preço disponível — algo que o documento dos cinco minutos nesta biblioteca diz em geral e que aqui se aplica na sua forma mais aguda.

O momento em que o padrão se completa é, mecanicamente, o pior momento da sessão para transacionar. A rajada de ordens stop que faz o padrão é a mesma rajada que esvazia o lado próximo do livro, por isso a diferença está no seu ponto mais largo e as execuções chegam mais longe de onde foram pedidas. A barra sobre a qual mais quer agir é a barra com o pior preço disponível, e não é coincidência — é o mesmo acontecimento visto do outro lado.

	Se o padrão funciona	Após o custo dessa barra
Movimento capturado	8 pontos	8 pontos
Spread num momento calmo	-1 ponto	—
Spread enquanto os stops disparam	—	-4 pontos
Derrapagem a mercado ali	—	-2 pontos
Sobra	7 pontos	2 pontos

O mesmo momento em dinheiro. A coluna do meio é o que o padrão vale se funcionar na perfeição; a da direita é o que sobra depois de pagar para participar nele no único momento em que participar é mais caro.

A aritmética não perdoa. Um padrão que vale oito pontos e custa seis a entrar vale dois, e dois pontos estão dentro do intervalo onde a variação banal decide o resultado. O

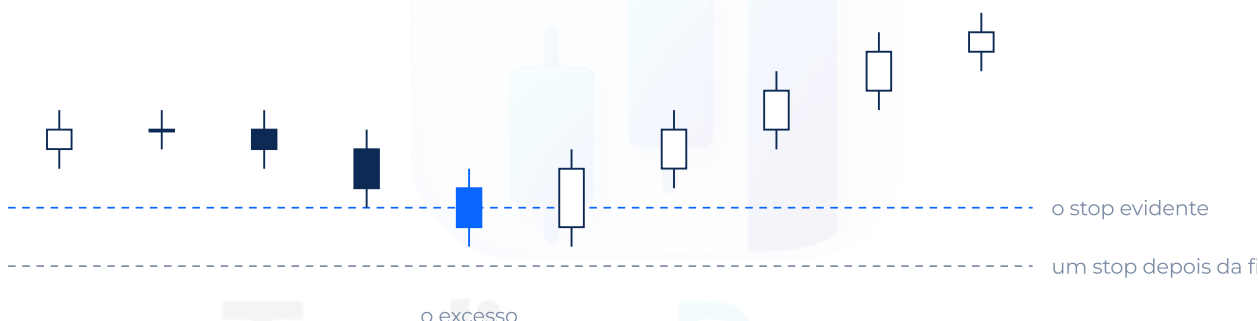
documento sobre o gráfico de cinco minutos faz a versão geral deste argumento; aqui aplica-se na forma mais aguda, porque o sinal e o custo vêm do mesmo acontecimento.

As duas respostas são as conhecidas e ambas cedem alguma coisa. Esperar que o regresso se confirme e entrar na barra mais calma a seguir, aceitando que vai perder as que nunca param. Ou trabalhar uma ordem limitada no nível de antemão e aceitar que será executado nas que seguem, que são precisamente as que não queria. Não existe versão em que se obtenha o preço da rajada sem pagar o spread da rajada.

12

O que fazer com uma fila

A consequência mais útil de tudo o que ficou dito não é uma entrada, que é onde todo o tratamento deste assunto a coloca. É uma decisão sobre onde vai a sua própria ordem.



A consequência que compensa seja a história verdadeira ou não. Dois stops para a mesma posição: um no preço evidente onde está a fila, outro um pouco além. O excesso leva o primeiro e falha o segundo, e a posição que sobrevive é a que nunca esteve na fila.

Dois stops para a mesma posição. Um está no preço evidente — o número redondo, o mínimo anterior, o sítio onde a fila se forma. O outro está um pouco além. O excesso leva o primeiro e falha o segundo, e a posição que sobrevive é a que nunca esteve na fila.

A elegância disto é que não depende da parte contestada. Não precisa de acreditar que alguém está a caçar o que quer que seja. Só precisa de acreditar que as ordens se acumulam em preços evidentes — o que é aritmética — e que um aglomerado é um sítio onde as

execuções são piores e os excessos têm mais probabilidade de chegar. Ambas decorrem do mecanismo da segunda secção deste documento.

Compra	●	que a posição não esteja na fila onde estão todos os outros
Custa	●	uma invalidação mais larga, e portanto uma posição menor
Exige	●	que o tamanho desça na mesma proporção, sempre, sem exceção
Falha se	●	o stop mais largo for usado com o tamanho antigo para se sentir seguro
Testa-se	●	contando quantos dos seus stops saltaram por menos de um ponto

O que custa e o que compra, dito com clareza, porque é uma troca e não uma refeição grátis. O degrau do meio é o que as pessoas erram: o stop mais largo só se defende se o tamanho descer com ele, e se não descer, isto é uma forma de perder mais devagar.

Mas é uma troca e não uma refeição grátis, e o degrau do meio é onde costuma correr mal. Um stop mais largo só se defende se o tamanho da posição descer na mesma proporção. Alargue o stop e mantenha o tamanho e não terá evitado a fila, terá simplesmente combinado perder mais quando finalmente se enganar — o que é uma forma de converter um aborrecimento pequeno e frequente num desastre grande e raro.

Há um diagnóstico barato para saber se isto se aplica a si, e custa um serão. Percorra as suas últimas cem operações perdedoras e conte quantas foram paradas por menos de um ponto além do seu stop, e depois foram na direção que tinha esperado. Se esse número for pequeno, esta secção não é o seu problema e deve ignorá-la. Se não for pequeno, acabou de encontrar algo que vale mais do que qualquer regra de entrada deste documento.

13

O que é possível saber aqui

Vale a pena pôr o assunto todo numa grelha, porque a confusão que gera é quase inteiramente uma confusão sobre a que célula pertence cada afirmação.

	Observável	Não observável
Prevê alguma coisa	As ordens acumulam-se em preços evidentes. Conte, opere, ou opere à volta disso.	Quem estava do outro lado. Interessante, indisponível, e desnecessário.
Não prevê nada	O volume esteve alto naquela barra. Verdade, e por si só não diz nada.	O mercado caçava o seu stop pessoalmente. O mercado não sabe o seu nome.

A epistemologia do assunto todo numa grelha. A célula inferior esquerda é onde está o trabalho útil e onde quase ninguém passa o tempo; a superior direita é onde vivem os cursos de noventa e três minutos, porque é a única célula divertida.

A célula inferior esquerda contém o trabalho: as ordens acumulam-se em preços evidentes, essa acumulação é inferível, e tem consequências sobre onde pôr as suas próprias ordens e sobre o que paga para operar perto delas. É maçadora, é verificável, e quase ninguém passa o tempo ali.

A célula superior direita contém o entretenimento. Quem estava do outro lado, o que pretendia, se o movimento foi orquestrado — perguntas interessantes, indisponíveis a partir de um gráfico, e respondê-las não mudaria uma única decisão que pudesse tomar. Essa combinação torna-as tão duradouras como conteúdo: discutem-se indefinidamente sem nunca serem resolvidas nem aplicadas.

A célula inferior direita merece uma frase só sua, porque é onde está o peso emocional deste assunto. O mercado não caçou o seu stop. Não sabe o seu nome, nem a sua posição, nem o tamanho da sua conta. O que aconteceu foi que pôs a sua ordem onde outras cem mil pessoas puseram a delas, exatamente pela mesma razão sensata, e a fila via-se de mais longe do que aquilo onde estava.

É uma história menos satisfatória do que a alternativa e bastante mais útil, porque nomeia algo que controla. Não consegue impedir que um criador de mercado exista. Consegue mexer a sua ordem dois pontos.

14

O que isto não resolve

Três limites, no espírito do resto desta biblioteca.

O limite	O que significa para este documento
Há mesmo praças com fluxo predatório	a intenção às vezes é real; continua a não ser observável num gráfico
A contagem é específica do instrumento	um resultado num mercado diz pouco de outro
A acumulação é conhecimento público	uma vantagem que todos veem é uma vantagem que se desgasta

Três limites de tudo o que ficou dito, com a mesma clareza do argumento. Nenhum salva a afirmação sobre intenções, e nenhum é razão para ignorar a acumulação.

O primeiro é o mais sério. O fluxo predatório não é fantasia; há praças e arranjos em que alguém tem mesmo ao mesmo tempo a informação e o incentivo para empurrar o preço para dentro de um aglomerado. Nada neste documento diz que isso nunca acontece. O que diz é que a partir de um gráfico não consegue distinguir, e que a decisão de operar é a mesma nos dois casos — o que torna a pergunta interessante e não útil.

O segundo é uma advertência sobre os seus próprios resultados tanto como sobre os de qualquer outro. Uma contagem que sai favorável num instrumento numa janela de sessão é um facto sobre esse instrumento nessa janela. O mecanismo generaliza-se; o número não, e a forma mais comum de destruir um resultado genuíno é levá-lo para onde nunca foi medido.

O terceiro acaba por se aplicar a tudo nesta área. Todas as pessoas que leiam este documento conseguem ver os mesmos aglomerados, e uma vantagem pública é uma vantagem sob pressão. Isso não faz a acumulação desaparecer — é produzida pela própria estrutura da colocação de stops, não pela ignorância — mas significa que a afirmação sobre o regresso construída por cima pode afinar-se

com o tempo enquanto a consequência sobre custos fica exatamente onde está.

Termo	Como é usado aqui
Liquidez	ordens em espera disponíveis para serem executadas a um preço.
Bolsa	um aglomerado invulgarmente denso de ordens stop em espera.
Varrimento	um fecho além de um nível seguido de um fecho de volta para dentro.
Candidato	um fecho além de um nível, antes de o resultado ser conhecido.
Indução	a ideia de que a estrutura evidente existe para ser usada.
Seleção pelo resultado	definir uma categoria pelo resultado que produziu.

Os termos que este documento usa num sentido fixo. Mantêm o mesmo significado no resto da biblioteca.

O resumo útil são duas frases. Os stops acumulam-se em preços evidentes porque toda a gente lê o mesmo gráfico e resolve o mesmo problema da mesma maneira, e essa acumulação é real, inferível e digna de ser tida em conta. A ideia de que alguém leva o preço até esses aglomerados de propósito acrescenta um vilão, não acrescenta nada verificável e não muda nenhuma decisão que pudesse tomar — por isso fique com a fila, largue o caçador, conte os seus candidatos antes de saber como acabam, e mexa o seu stop para fora da linha onde estão todos os outros.

Conteúdo educativo apenas. Nada neste documento é aconselhamento financeiro, e nenhuma parte é recomendação de compra ou venda.